

Sabedoria, honra e justiça: Análise dos provérbios sobre velhice

Wisdom, Honor and Justice: Analysis of Proverbs about Old Age

Resumo

O artigo analisa os seis provérbios bíblicos que contêm referências explícitas à velhice, à pessoa idosa e ao envelhecer. A velhice é coroa de honra associada à vivência com justiça (Pr 16,31); anciãos honram filhos e netos e são pela família coroados (Pr 17,6); enquanto os cabelos brancos enfeitam a velhice, a força dos jovens afirmar sua honra (Pr 20,29); a melhor idade depende de bom ensinamento na infância (Pr 22,6); mãe e pai idosos são fonte de sabedoria para filhos e filhas (Pr 23,22); assentar-se com os anciãos da cidade é sinal de sabedoria e honra (Pr 31,23). Nessa hipótese de interpretação, os provérbios fazem parte da tradição sapiencial, que associa a pessoa idosa à sabedoria sendo, portanto, portadora de valores exemplares e positivos. Objetiva-se destacar esses valores através da análise detalhada de cada um dos seis provérbios. Metodologicamente, o estudo apresenta possíveis variantes textuais de cada versículo, explica as expressões mais importantes com relação ao tema da idade e oferece uma explicação de conjunto sobre o sentido de cada um, além de apresentar possíveis paralelos do Antigo Oriente Médio e da atualidade. Espera-se, com essa apresentação, destacar a importância das pessoas idosas no contexto da família e da sociedade.

Palavras-chave: Provérbios; Sabedoria; Honra; Justiça; Velhice.

Abstract: The article analyzes the six biblical proverbs that contain explicit references to old age, old man and growing old. Old age is a crown of honor associated with living with justice (Pr 16:31); elders honor their children and grandchildren and are crowned by their families (Pr 17:6); while gray hair adorns old age, the strength of youth affirms their honor (Pr 20:29); the best age depends on good teaching in childhood (Pr 22:6); elderly mother and father are a source of wisdom for sons and daughters (Pr 23:22); sitting with the elders of the city is a sign of wisdom and honor (Pr 31:23). In this interpretation hypothesis, proverbs are part of the wisdom tradition, which associates the elderly with wisdom and is, therefore, a bearer of exemplary and positive values. The aim is to highlight these values through a detailed

¹ Mestre em Teologia Bíblica e em Exegese Bíblica. Doutor em Ciências da Religião. Pós-Doutor em Teologia (Bíblia). Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás.

analysis of each of the six proverbs. Methodologically, the study presents possible textual variants of each verse, explains the most important expressions in relation to the theme of age and offers an overall explanation of the meaning of each one, in addition to presenting possible parallels from the Ancient Middle East and the present day. This presentation is expected to highlight the importance of older people in the context of family and society.

Keywords: Proverbs; Wisdom; Honor; Justice; Old Age.

Introdução

No idioma português, há várias maneiras de se referir à velhice, tais como pessoa velha, idosa, anciã, antiga, terceira idade, melhor idade, idade avançada. Não raro, essas palavras carregam conotação negativa, o que este artigo desconsidera.

Na Bíblia Hebraica, igualmente, há diversos termos para se referir a essa etapa da vida, tais como cabelos brancos e velhice. Na língua grega, seja na Septuaginta, seja no Novo Testamento, usam-se termos como idoso e presbítero. Presbítero passou para o português com sentido específico de sacerdote, enquanto idoso (*geron*) foi integrado a termos como gerontologia (Gonçalves, 2004, p. 55).

Na Bíblia, de modo geral, e na tradição sapiencial, especificamente, as pessoas idosas são tratadas com muito respeito, a ponto de não existirem orfanatos ou pessoas cuidadoras de anciãos. Isso se deve, primeiramente, ao fato de as famílias garantirem sustento e calor humano às pessoas idosas e, em segundo lugar, ao fato de existirem menos pessoas em idade avançada, devido à baixa média de vida da população. O dado bíblico contrasta com a situação atual, de frequente abandono das pessoas idosas, em função do sistema capitalista, baseado sobre a produção (Gerstenberger, 1981).

O livro bíblico de Provérbios faz parte da tradição sapiencial, que tem as pessoas velhas em alta estima. Essa tradição sapiencial não é exclusiva do povo bíblico, mas faz parte da cultura de muitos povos da antiguidade, que viam “a idade avançada como sinal de bênção e sabedoria” (Lichtenfels, 2004). “Longe de serem marginalizados, os anciãos, na Bíblia, aparecem como uma estrutura importante na dinâmica social e política de Israel” (Francisco, 2003, p. 16).

Nessa visão positiva, o presente artigo analisa os seis provérbios bíblicos que mencionam a velhice, com o verbo envelhecer, tornar-se velho (*zkn*), mencionado duas vezes (Pr 22,6; 23,22); com o substantivo velho, ancião (*zaqen*), mencionado três vezes (Pr 17,6; 20,29; 31,23); e com o substantivo velhice, cabelos brancos (*šeibah*), mencionado duas vezes (Pr 16,31; 20,29).

1. Coroa de honra é a velhice

Coroa de honra é a velhice (*šeibah*),
no caminho de justiça é encontrada (Pr 16,31).

O provérbio estabelece uma relação entre velhice e justiça, pressupondo que vida longa é um prêmio para a pessoa que trilhou caminhos justos. Ensina, por um lado, que a velhice é uma etapa dourada da vida, plena de sensatez e digna de honra. Por outro, explica que essas qualidades da velhice são fruto de uma vida trilhada no caminho da justiça (Morla, 2011, p. 130).

O texto massorético é bem estabelecido e não oferece problemas de crítica textual. Entretanto, a relação entre os dois versos não é fácil de ser explicada. Nesse paralelismo progressivo, o primeiro verso afirma a beleza da velhice honrada e o segundo evolui para a constatação do resultado de uma vida bem vivida. *A Bíblia de Jerusalém* (2024) interpreta que a coroa se encontra no caminho da justiça, portanto, a velhice honrada é consequência de uma vida justa. *A Bíblia Sagrada Almeida* (1993) interpreta a velhice honrada como condição do caminho de justiça, acrescentando “quando” (que não existe no original), resultando na seguinte tradução: “Coroa de honra são as cãs, quando se acham no caminho da justiça”. Em qualquer hipótese, o significado é que a beleza de uma vida longa depende da jornada de uma vida justa.

“Coroa de honra” é coroa de glória, de nobreza, de honra. “Honra” está associada à beleza, como ornamento ou enfeite, mas também como ostentação, brilho, honra, nobreza e glória (Alonso Schökel, 2004, p. 707).

“Velhice” (*šeibah*) significa, literalmente, cabelos brancos ou grisalhos, também traduzido como cãs. A metáfora literária é chamada sinédoque, na qual cabelos brancos simbolizam idade avançada (Clifford, 1999, p. 162). O termo possui 22 ocorrências no Antigo Testamento, sempre associadas à velhice. Em Provérbios, só se encontra duas vezes, aqui e em Pr 20,29, a ser analisado adiante (Waltke, 2011, p. 74).

“No caminho da justiça é encontrada” propõe a metáfora do caminho como condução ética da vida. Além do sentido literal de estrada por onde se anda, o caminho indica, com frequência, a boa conduta de vida, associada à justiça. Outros provérbios o expressam com clareza: “Na via da justiça está a vida; e no caminho dessa senda não há morte” (Pr 12,28; cf. 10,2.16; 11,4.21). Contrariamente, a vida sem justiça antecipa a morte: “Assim a justiça leva à vida, quem procura o mal morrerá” (Pr 11,19). (Silva, 2018, p. 63-64).

O provérbio exprime a ideia bem assentada, na Bíblia, segundo a qual a vida longa é um prêmio concedido a quem vive no caminho da justiça. Quem guarda instrução e preceitos será premiado com vida longa e prosperidade (Pr 3,2); riqueza e honra (Pr 3,16). “A possibilidade se que um homem mau possa viver e tornar-se velho não está considerada aqui. É assumido que o mau perece cedo” (Toy, 2020, p. 333). Os ímpios serão expulsos ou varridos (Pr 2,22); serão

derrubados e desaparecem (Pr 12,7); tropeçam na desgraça (Pr 24,16); serão quebrados de repente (Pr 29,1).

O argumento está de acordo com a teologia da retribuição, segundo a qual a velhice é uma recompensa pela vida bem vivida, enquanto a maldade encurta a vida e leva à morte. O provérbio o expressa muito bem: “O homem bom obtém o favor de Yhwh mas o mal-intencionado, ele o condena” (Pr 12,2). Essa convicção se espalha por outros textos: “As câs do homem são a inteligência, e a velhice, uma vida imaculada” (Sb 4,9). “O temor do Senhor alegra o coração, dá contentamento, gozo e vida longa” (Eclo 1,12). Aos anciãos se atribui julgamento, conselho, sabedoria e honra: “A coroa dos anciãos é uma rica experiência; a sua glória, o temor do Senhor” (Eclo 25,6).

Essa teologia da retribuição, porém, é contestada em outros textos, em especial nos discursos de Jó contra seus amigos. Deus cobra de Jó o devido conhecimento, pois está em idade avançada: “Deverias sabê-lo, pois já tinhas nascido e grande é o número dos teus anos” (Jó 38,21). O sábio Ben Sira faz eco à mesma convicção de que a velhice não assegura a sabedoria: “Mais vale um jovem pobre e sábio do que um rei velho e insensato” (Ecl 4,13). O próprio livro da Sabedoria constata a morte prematura do justo e reconhece as suas qualidades: “O justo, ainda que morra cedo, terá repouso” (Sb 4,7).

O que está em jogo, portanto, é a vida bem vivida, na justiça. Naturalmente, isso devia coincidir com a idade avançada. Pressupõe-se que, quanto mais idade, mais experiência de vida e, por isso, mais honra e sensatez. A velhice, contudo, não assegura automaticamente sabedoria e bem-estar. O que importa não é o número de anos, e sim a qualidade de vida honrada.

Dois refrões espanhóis ilustram o provérbio, um positivo e outro questionador: “A canas honradas no hay puertas cerradas” (Alonso Schökel; Vílchez Líndez, 1984, p. 360); traduzido como: “Para câs honradas não há portas fechadas” (*Bíblia do Peregrino*, 2002). “Hombre cano, ni viejo ni sabio”, que pode ser traduzido como: “Homem grisalho, nem velho nem sábio” (Morla, 2011, p. 130). Outro, em português, exprime mais ou menos o sentido do dito bíblico: “Uma velhice ditosa é o fruto de uma mocidade regrada” (Citador).

2. Coroa de anciãos são os filhos dos filhos

Coroa dos anciãos (*z^eqenîm*) são os filhos dos filhos
e honra dos filhos são os pais deles (Pr 17,6).

O texto Grego da Septuaginta acrescenta outro versículo, que pode ser assim traduzido: “Ao fiel todo o mundo de bens, mas ao infiel nem um óbolo” (De Waard, 2008, p. 31). Trata-se de um dito independente, que se conecta ao versículo seguinte, pela palavra tema “fiel” (*pistós*), conforme o texto grego. Muitos manuscritos o acrescentam após o v. 4, mas no Codex Vaticanus está

anexado ao v. 6. Sua sintaxe sugere origem grega, pois a noção de riqueza espiritual do sábio é um lugar comum daquela retórica (Fox, 2015, p. 255). O versículo, que não consta no hebraico, representa uma adição sobre a riqueza do sábio, afirmação de caráter estoico, bem comum na retórica helenista (D’Hammonville, 2000, p. 259-260). Em vista da falta de sustentação textual e da ausência de conexão com o sentido do contexto, as modernas traduções da Bíblia desconsideram o acréscimo.

O versículo original, assim como se apresenta, afirma a glória e a honra de uma família bem sucedida, na abrangência de três gerações. Além da importância da família para a sociedade hebraica, esse mesmo versículo considera a alegria dos avós rodeados de netos. Ter muitos filhos era sinal de bênção, e ver os netos era uma honra especial. A honra, no dito em questão, é mútua, de avós, filhos e netos, portanto, com reforço para os laços geracionais. Em seu significado geral, o provérbio está alinhado com o anterior analisado (16,31), incluindo parte do mesmo vocabulário.

“Coroa dos anciãos” retoma a “coroa de honra” do provérbio analisado anteriormente (16,31), para reafirmar a realidade dos cabelos brancos como metáfora estereotipada para a velhice. Aqui, os dois termos se misturam em intercâmbio, entre a “coroa dos anciãos” e a “honra dos filhos” (Fox, 2009, p. 627).

“Coroa” ou diadema expressa dignidade, por ser um ornamento colocado sobre a cabeça como reconhecimento de um status distintivo da pessoa (Alonso Schökel; Vilchez Líndez, 1984, p. 360).

“Anciãos” é a palavra específica para pessoa idosa (*zaqen*). É usada três vezes em Provérbios, mais duas vezes como verbo envelhecer (*zkn*). É sinônimo do anterior, velhice (*śeibah*). Etimologicamente, a palavra *zaqen* significa barba, mas o sentido se perdeu, porque se aplica também a mulher idosa (Waltke, 2011, p. 81).

“Filhos” ocorre três vezes, como número ideal, de maneira insistente, nos limites do mesmo provérbio. “Filhos dos filhos” são, obviamente, os netos dos “anciãos”. A *Bíblia Tradução Ecumênica* (1994) traduz: “A coroa dos avós são os netos, e o adorno dos filhos os seus pais”. Fica bem explícita, portanto, a menção a três gerações vivas: avós, filhos e netos (Alonso Schökel; Vilchez Líndez, 1984, p. 360).

“Coroa” e “honra” estabelecem uma relação familiar com mútua bênção, isto é, os pais honram os filhos, assim como os filhos honram os pais. Na tradição familiar bíblica, há uma insistência no repasse dos valores de geração em geração (Sl 78,3-4).

O paralelismo entre as duas metades demonstra que “coroa dos anciãos” e “honra dos filhos” se equivalem, o que estabelece uma relação estreita de respeito mútuo entre as gerações. “Pai e filho – mãe e filha devem ser incluídas – formam uma unidade social – cada qual dá apoio, dignidade e felicidade ao outro” (Toy, 2020, p. 338).

O retrato dessa família abençoada com fecundidade e longevidade se reproduz em outros textos, como: “Tua esposa será vinha frutuosa... teus filhos, rebentos de oliveira... verás prosperidade... verás os filhos de teus filhos” (Sl 128,3-6). “A glória do homem está na honra de seu pai, e é vergonha para os filhos a mãe desprezada” (Eclo 3,11).

Essa honra que coroa pais e filhos, mutuamente, como expressa o provérbio em análise, reflete a família ideal, com a geração de muitos filhos e filhas, e com vida longa para ver o êxito da descendência que se perpetua. Entretanto, nem sempre é assim, como demonstra o mesmo capítulo 17 de Provérbios, que prevê filhos insensatos e estúpidos (v. 21), com preocupação para o pai e amargura para a mãe (v. 25). (Murphy, 1998, p. 129).

A ideia do provérbio está expressa num dito egípcio da Instrução de Any: “Feliz é o homem cujo povo é numeroso; ele é saudado por causa de sua progênie” (Lichtheim, *apud* Longman III, 2006, p. 344).

A sabedoria popular também identifica a honra dos pais nos filhos: “Conduta de pais, caminho de filhos”; “Como tratares teus pais, assim serás tratado por teus filhos” (Pensador).

3. A honra dos jovens é a força deles

A honra dos jovens (*baḥurîm*) é a força deles
e o ornamento dos anciãos (*zēqenîm*) a velhice (*šeibah*) (Pr 20,29).

A versão Grega da Septuaginta substitui força deles, por sabedoria (*sophia*), invertendo as consoantes (*kḥm* para *ḥkm*). (De Waard, 2008, p. 37). O Grego quis, com isso, interpretar que a verdadeira glória do jovem é a sabedoria (Fox, 2015, p. 287). Significa que a Septuaginta força a nota espiritual, educadora, talvez porque o versículo seguinte amortece a ideia da força (D’Hamonville, 2000, p. 277). A razão principal, ao parecer, é o valor que o livro dá à sabedoria, como destacam os diversos comentários.

O provérbio afirma a honra dos jovens, que é a força física, e o ornamento dos anciãos, que é a velhice, como características mais salientes numa e noutra idade. Ao declarar a afirmação dos dois valores, compara as duas gerações, para realçar o vigor da juventude, bem como a sabedoria da velhice. Estabelece, com isso, uma harmonia geracional, com incentivo à juventude e elogio à idade avançada (Longman III, 2006, p. 386).

“Honra dos jovens” dá sequência à “honra dos filhos” do dito anterior (17,6b). Enquanto lá a honra dos filhos eram os pais, aqui a honra dos jovens é a sua própria força.

“Jovens” (*baḥurîm*), da raiz escolher (*bḥr*) possui relação com pessoa seleta, moço e soldado, e indica a pessoa em pleno vigor da juventude (Alonso Schökel, 2004, p. 96).

“O ornamento dos anciãos é a velhice” retoma a ideia de “coroa de honra é a velhice” (16,31a), com vocabulário diferente. “Ornamento” (*hadar*) é honra, dignidade, prestígio; e gala, ornato, decore (Alonso Schökel, 2004, p. 167). Nesse sentido de ornato, está aqui empregado no lugar de coroa.

“Anciãos e velhice” retomam os dois sinônimos usados juntos, para indicar a idade avançada.

O paralelismo das duas afirmações é evidente. “Paralelismo estranho. Por uma parte, observamos a sinonímia ‘honra-ornamento’; por outra, a antinomia ‘jovens-anciãos’” (Morla, 2011, p. 158). Porém as duas realidades, geração jovem e geração idosa, nos dois hemistíquios, não estão contrapostas, mas se justapõem, formando um paralelismo sintético (Waltke, 2011, p. 227). A força é apresentada como valor característico da juventude, assim como cabelos brancos caracterizam a velhice. O dito não trata de deficiências ou de fraquezas típicas de cada fase da vida. Tampouco trata de rivalidade ou de conflitos geracionais. Existe uma mútua dependência entre jovens e anciãos, o que pode ser interpretado como admiração e respeito respectivos.

A diferença de idade marca a diferença de funções. À menor idade corresponde mais vigor físico, à maior idade, mais sabedoria. Mocidade ou maturidade têm funções distintas e complementares. Talvez seja exagerado falar aqui de jovem para guerrear e ancião para governar, como afirmam Alonso Schökel; Vélchez Líndez (1984, p. 400).

Diz a sentença em inglês: “If Youth, but knew and age but could”, que pode ser entendida como: “Se a juventude soubesse e a idade pudesse” (Clifford, 1999, p. 186). Em português se diz, com desvio do sentido: “Antes velho ajuizado, que moço desatinado” (Citador).

4. Ensina a criança segundo o caminho dela

Ensina a criança (*na 'ar*) segundo o caminho dela
ainda que ela envelheça (*yaz'qin*) não se desviará dele (Pr 22,6).

Vários manuscritos omitem todo este versículo de Pr 22,6 (De Waard, 2008, p. 39; D'Hamonville, 2000, p. 283). Jerônimo desdenhou dele como um provérbio popular, entendendo que a pessoa age segundo a sua natureza, não segundo a educação transmitida. Considere-se a alta estima de Jerônimo pela educação (Fox, 2015, p. 298). Apesar do entendimento do tradutor da Vulgata, provavelmente influenciado pela omissão da versão grega, deve-se considerar que o sentido está de acordo com o ideal da tradição sapiencial “quanto mais cedo melhor” (*The earlier the better*, Murphy, 1998, p. 165).

As traduções em português, em geral, não trazem tantas variantes como as em inglês. A versão da *Bíblia de Jerusalém* (2024) difere parcialmente: “Forma o jovem no início de sua carreira, e mesmo quando for velho não se desviará

dela”. A mesma *Bíblia* anota, em rodapé, a tradução literal: “Dedica o jovem sobre a boca (a entrada) de seu caminho”. E informa que o grego omite todo este versículo.

A diversidade de interpretações, com discussões intermináveis, refere-se mais à primeira parte, com relação à educação da criança. A consequência desse ensino sobre a velhice alcança unanimidade, praticamente sem discussões.

“Ensina” (*hmk*) é o verbo no imperativo, que ocorre apenas cinco vezes no Antigo Testamento, daí a dificuldade em compreendê-lo. As interpretações variam entre estimular o desejo, treinar, dedicar/iniciar (Hildebrandt, 1988). No contexto sapiencial amplo de encaminhar a pessoa pela senda da sabedoria, optamos por “ensina”, no sentido de educar, iniciar. “Dedicar, estreitar, iniciar coincidem em extrair o primeiro momento de uma situação que depois se há de prolongar: o templo fica consagrado, a casa será habitada, o jovem...” (Alonso Schökel; Vélchez Línchez, 1984, p. 418).

“Criança” (*na’ar*), no contexto pedagógico da afirmação, bem como na tradição sapiencial como um todo, deve ser criança de tenra idade, contra as traduções e discussões que consideram “adolescente ou jovem”, como Hildebrandt (1988). A educação começa, efetivamente, na infância e, a partir daí, define toda a trajetória de vida. A afirmação vale, com mais razão, no contexto literário desta sentença que se refere ao caminho da existência como um todo, da infância até a velhice.

“Segundo o caminho dela”, literalmente “sobre a boca do caminho dela”, significa “de acordo com o caminho que ele deve seguir”. O caminho, normalmente, no contexto sapiencial, é metáfora para a vida ética. O caminho, segundo as tendências de cada indivíduo, está fora de cogitação. “Há somente um caminho correto – o caminho da vida – e a disciplina educacional que orienta os jovens ao longo desse caminho é uniforme” (McKane, 1980, p. 564).

“Ainda que envelheça...” (*yaz’qin*) remete para a idade madura, em que se pressupõe vida justa e honrada.

O paralelismo progressivo (Morla, 2011, p. 168) estabelece uma relação de condição e consequência (Toy, 2020, p. 415). Quer dizer que a velhice honrada depende do direcionamento da educação na infância. A caminhada que conduz a uma velhice realizada começa na infância. Nesse sentido, a sentença faz uma advertência para educar criança (Longman III, 2006, p. 404).

Nas diversas culturas atuais, há ditados que corroboram a afirmação do provérbio bíblico. “O que o berço dá, nem a cama tira”; “O que aprendem babas, não o esquecem barbas” (*Bíblia do Peregrino*, 2002). “Lo que em la leche se mama hasta la sepultura acompaña”; “De las sopas de la niñez hay regüeldos en la vejez” (Morla, 2011, p. 168). Dentre tantos ditos, em português, pode-se lembrar: “De pequenino se torce o pepino”; e “Pau que nasce torto morre torto”.

5. Ouve a teu pai este te gerou

Ouve a teu pai, este te gerou
e não desprezes quando envelheceu (*ki-zaq^enah*) a tua mãe (Pr 23,22).

O texto massorético não oferece dificuldades. Apenas uma variante, no Grego, acrescenta, no início, “filho” (*yié*). (Fox, 2015, p. 314). “Este versículo é precedido por um grande travessão no Vaticanus. ~ ‘filho’: a palavra é própria da LXX, ela faz eco aos v. 15, 19 e 26; a sucessão de advertências se torna mais regular” (D’Hamonville, 2000, p. 291). O versículo seguinte falta na Septuaginta, o que implica a sequência e a estrutura de Pr 23,22-25. “O v. 23 falta na LXX: aquilo que propõe Teodociação, conforme o TM ‘adquirir a verdade, e não a venda, e a sabedoria, e a instrução e a inteligência’, é muito próximo dos v. 5-7 do cap. 4, igualmente ausente na LXX” (D’Hamonville, 2000, p. 291).

Dois imperativos estabelecem o paralelismo entre o positivo “ouve” e o negativo “não desprezes”. Ouvir o pai e não desprezar a mãe estabelecem, pelo mesmo paralelismo, a ordem de respeito para com os pais. Pai e mãe estão separados, um em cada linha, por causa do paralelismo (Nguyen, 2006, p. 275-276, nota 220). Por isso, a frase deve ser lida de maneira complementar e inclusiva: “Ouve teu pai e tua mãe e não sejas desdenhoso quando eles envelhecerem” (Fox, 2009, p. 737).

Pai e mãe, genitor e genitora, constituem a unidade da instrução de Pr 23,22-25. O substantivo “pai” é citado três vezes nos quatro versículos; o substantivo “mãe”, duas vezes; e o particípio ativo substantivado “aquele (aquela) que te gerou”, três vezes. No total, esses termos constituem mais da metade dos substantivos, estabelecendo o fio condutor de toda a unidade (Nguyen, 2006, p. 98).

Vale observar, ainda, que “teu pai – tua mãe” formam uma inclusão, entre o início da instrução (v. 22) e o seu final (v. 25). Nessa inclusão se repete, intencionalmente, “aquele que te gerou” (v. 22) referindo-se ao pai, com “aquela que te gerou” (v. 25), referindo-se à mãe (Nguyen, 2006, p. 276). A dupla referência, no final (v. 25) à “mãe” e “àquela que te gerou” não é usual, como afirma Murphy, apud Nguyen (2006, p. 275, nota 96). A unidade temática da instrução (Pr 23,22-25) é assegurada pela felicidade da mãe e do pai, com insistência na alegria e exultação.

A par da alegria pela geração de filho, o v. 22 tematiza a velhice dos genitores. Nos dois imperativos, em afirmações paralelas, faz-se um merismo, do nascimento à velhice, para abranger todo o arco da vida. O ato de gerar, de pai e mãe, para além de dar a vida, significa nutrir, educar e amar (Alonso Schökel; Vélchez Líndez, 1984, p. 432).

“Quando envelheceu” ou “porque se tornou velha” (*ki-zaq^enah*) pode adquirir diversas nuances (Nguyen, 2006, p. 285). Dentre essas nuances, o autor destaca: um apelo emotivo à compaixão filial para com pais envelhecidos; ou

um aceno à situação presente, real, de respeito aos pais em situação de velhice. E conclui que se trata de apelo ao respeito aos pais, mutuamente, mãe e pai.

A recomendação do provérbio recorda as admoestações da primeira parte do livro, para que filhos e filhas prestem atenção às instruções da sabedoria de pais e mães. A par da geração dos filhos, está a idade avançada da mãe. “Esta referência à idade não é um apelo à piedade, mas enquadra-se na ideia sábia de que a idade avançada tem como consequência uma experiência adicional e, portanto, a mãe é uma fonte de grande sabedoria” (Longman III, 2006, p. 429).

A recomendação a filhos e filhas a respeitarem pais e mães em idade avançada é um valor repetidamente invocado na Bíblia. No caso, o provérbio soa como exortação à observância do quarto mandamento: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá” (Ex 20,12; Dt 5,16). No mandamento se recomenda honrar, enquanto o provérbio é mais explícito para escutar e não desprezar. Além dessa diferença, o mandamento é acompanhado da promessa de bênção (Beulke, 2004, p. 15-27).

O Eclesiástico ou Sirácida retoma a mesma ideia, mas com outro enfoque. Recomenda o cuidado de pais idosos, “mesmo se a sua inteligência faltar” (Eclo 3,13). No versículo em análise, o acento está menos na idade avançada e mais na importância da instrução, conforme recomenda o início do livro: “Escuta, meu filho, a disciplina do teu pai, não desprezes a instrução da tua mãe” (Pr 1,8). (Toy, 2020, p. 436).

No texto egípcio O. Petrie 11 (retro 2), há um dito similar: “Não zombe de um velho ou de uma velha porque eles são velhos, para que não (pronunciem uma maldição) sobre a sua (de você) velhice” (Fox, 2009, p. 737).

Dos provérbios populares, pode-se coletar um correspondente ao bíblico: “A bênção dos pais é precursora da ventura dos filhos”. Outro, pela afirmação oposta: “Filho que pais amargura, jamais conte com ventura” (Citador).

6. É conhecido na praça o seu marido

É conhecido nos portões o seu marido,
quando se assenta com os anciãos (*zīq^{ne}y*) da terra (Pr 31,23).

Algumas variantes textuais podem ser anotadas no provérbio, com relação ao seu real significado. O hebraico “nos portões” (*baš^e ‘arīm*) foi lido, pelo Siríaco e Targum, como “nas cidades” (*ba ‘arīm*). (De Waard, 2008, p. 58).

O Grego traduz: “Seu marido se torna *alvo de olhares* nas portas, quando ele se senta na assembleia com os anciãos dos habitantes da terra” (D’Hamonville, 2000, p. 340). O autor apresenta os esclarecimentos: “alvo de olhares” (*peribleptos*), literalmente “visto de todos os lados” é um hápax na LXX, mais enfático que o hebraico “é conhecido” (*noda*) e cria um ligame de ordem visual

com a evocação do manto do marido no v. 22a. Outra adição da Septuaginta que soleniza a cena é “na assembleia” (*en sunedríoi*).

Esses destaques da LXX, especialmente a menção à “assembleia” ou ao sínédrio, reflete uma realidade do tempo helenístico dessa tradução. As assembleias mencionadas não tinham o caráter formal dos 72 anciãos de Jerusalém, mas, provavelmente, eram assembleias locais de anciãos que se reuniam para discutir assuntos comuns e mediar conflitos. A Vulgata traduz “anciãos” (*zique-ney*) como *senatoribus* (senadores), refletindo já o ambiente latino (Fox, 2015, p. 396).

No poema alfabético que compõe a série de elogios à “perfeita dona-de-casa” (Pr 31,10-31), título dado pela *Bíblia de Jerusalém* (2024), destaca-se este versículo que exalta a honra do marido, por causa das virtudes da esposa.

A afirmação reflete, assim como todo o poema, o esquema da sociedade patriarcal, com a divisão de trabalho entre homem e mulher, cabendo à esposa as lidas domésticas e ao marido as atividades públicas. “Está mais claro que, desvinculado e liberado de preocupações domésticas, o marido pode sobressair-se nos assuntos cidadãos” (Alonso Schökel; Vílchez Líndez, 1984, p. 532).

“Nos portões” (*baše‘arím*) refere-se ao lugar onde se realizavam as diversas atividades de governo da comunidade e se tomavam as decisões jurídicas. Nesses “portões” a sabedoria apregoa o seu discurso (Pr 1,21) e, em tais “portões”, o estulto não abre a boca (Pr 24,7). “Nos portões”, o ancião goza de especial prestígio, como ilustra Jó 29,7-10.21). “As atividades comerciais, públicas e judiciais que ocorriam nos portões eram vitais para a vida da comunidade” (Fox, 2015, p. 896).

“Anciãos (*zique-ney*) da terra” se refere ao conselho que exerce uma função pública, seja religiosa ou política, na comunidade (Nguyen, 2006, p. 160). Esse conselho de anciãos teve importância nas comunidades bíblicas, ao longo de sua história, com funções e atuações em âmbitos diversos (McKenzie, 1959). As traduções do presente versículo, nas Bíblias em português, refletem essa diversidade de compreensão. A *Bíblia de Jerusalém* (2024) traduz: “Na praça o seu marido é respeitado, quando está entre os anciãos da cidade”; interpreta bem os “portões” como a “praça”, lugar aberto em que se realizam os diversos negócios; mas altera “anciãos da terra” para “anciãos da cidade”. Já a *Bíblia do Peregrino* (2002) muda para “quando senta entre os anciãos do povoado”. A *Bíblia Tradução Ecumênica* (1994) lê com mais liberdade, destacando o aspecto social: “Nas reuniões sociais, seu marido é respeitado, ao sentar-se com os anciãos do lugar”. A *Bíblia Sagrada Almeida* (1993) destaca o aspecto jurídico: “Seu marido é estimado entre os juizes, quando se assenta com os anciãos da terra”.

Um dito popular exprime as consequências da idade: “Os homens são como os vinhos: a idade azeda os maus e apura os bons”.

Conclusão

Embora a Bíblia não ignore as doenças, as tristezas e os achaques da velhice, os Provérbios valorizam positivamente essa etapa da vida, na esteira da tradição sapiencial. Essa tradição associa o avanço da idade ao aumento da sabedoria. Pressupõe que, com o passar dos anos, a pessoa adquire mais experiência e, portanto, acumula mais valores e melhor qualificação. Os seis provérbios analisados expressam essa associação entre a idade avançada e o saber viver.

O primeiro provérbio (Pr 16,31) destaca a honra e a justiça, como qualidades da velhice. Compara os cabelos brancos com uma coroa de honra e afirma que a vida longa é um prêmio por ter caminhado na justiça.

O segundo provérbio (Pr 17,6) amplia a metáfora dos cabelos brancos. Duplica, ainda, a honra dos avós sobre os filhos e netos, assim como dos filhos e netos sobre os avós. A honra dos anciãos se estende sobre toda a família, estreitando os laços geracionais, num círculo de bênçãos fecundas.

O terceiro provérbio (20,29) concentra ainda mais os cabelos grisalhos como o enfeite da velhice e transfere a honra dos anciãos para a força dos jovens. Juventude e velhice, cada qual com suas características próprias, constituem o arco geracional de uma vida sábia e realizada.

O quarto provérbio (Pr 22,6) amplia a influência positiva da idade avançada sobre a infância e vice-versa. Estabelece uma relação de causa e efeito entre a educação da criança e o envelhecimento da pessoa adulta. Um bom encaminhamento na primeira idade assegura uma trajetória de vida bem-sucedida até o envelhecer.

O quinto provérbio (Pr 23,22) valoriza a família, com alerta a filhos e filhas a ouvirem pais e mães, sobretudo quando em idade avançada. Os valores familiares indicam, novamente, a harmonia familiar como caminho de sabedoria e bem viver.

O sexto provérbio (Pr 31,23) evoca uma realidade específica: a dos anciãos da terra, uma instituição que cuidava dos negócios, da justiça e da vida social do povo bíblico. Isso pressupõe que os idosos que faziam parte desse conselho eram pessoas sábias e honradas.

Como visto, as seis referências à palavra velho, velhice e envelhecer, no livro de Provérbios, seguem a tradição sapiencial dos valores positivos da idade avançada, como sabedoria, honra e justiça.

Referências

- BEULKE, Gisela (2004), *O Quarto Mandamento e seu desafio para filhos e filhas*. Estudos Bíblicos, v. 82, n. 2, pp. 15-27.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 19ª impressão, 2024.
- Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Sagrada Almeida*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- Bíblia Tradução Ecumênica* (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.
- Citador. <https://www.citador.pt>
- CLIFFORD, Richard J. (1999), *Proverbs: A Commentary*. Louisville: Westminster John Knox Press, (The Old Testament Library).
- D'HAMONVILLE, David-Marc (2000), *La Bible d'Alexandrie LXX: Les Proverbes*. Paris: Cerf, (Vol. 17).
- DE WAARD, Jan (2008), *Introduction and Commentaries on Proverbs*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, (Bíblia Hebraica Quinta, 17).
- FOX, Michael V. (2009), *Proverbs: An Eclectic Edition with Introduction and Textual Commentary*. Atlanta: SBL Press, (The Hebrew Bible: A Critical Edition).
- FOX, Michael V. (2009), *Proverbs 10-31*. London: Yale University Press, (The Anchor Bible, 18B).
- FRANCISCO, Manoel João (2003), *Para uma pastoral da terceira idade: fundamentação bíblica*. Encontros Teológicos, v. 18, n. 34, pp. 13-20.
- GERSTENBERGER, Erhard S. (1981), *A pessoa idosa no povo de Deus: reflexão bíblica em torno da situação dos velhos*. Estudos Teológicos, v. 21, n. 1, pp. 33-44. Disponível em: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/1327
- GONÇALVES Maiztegui, Humberto (2004), *Deus e pessoas idosas: uma relação de vida e de alegria*. Estudos Bíblicos, v. 82, n. 2, pp. 55-64.
- HILDEBRANDT, Ted (1988), *Proverbs 22:6a: Train Up a Child?* Grace Theological Journal, v. 9, pp. 3-19.
- LICHTENFELS, Henriette (2004), *A idade avançada como sinal de bênção e sabedoria*. Estudos Bíblicos, v. 82, n. 2, pp. 65-72.
- LONGMAN III, Tremper (2006), *Proverbs*. Grand Rapids: Baker Academic.
- McKANE, William (1980), *Proverbs: A New Approach*. London: SCM Press, (Old Testament Library).
- McKENZIE, John (1959), *The Elders in the Old Testament*. Biblica, v. 40, pp. 522-540.
- MORLA, Víctor (2011), *Proverbios*. Urduliz: Desclée De Brouwer, (Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén).
- MURPHY, Roland E. (1998), *Proverbs*. Nashville: Thomas Nelson, (Word Biblical Commentary, 22).

- NGUYEN, Dinh Ahn Nhue (2006), *“Figlio mio, se il tuo cuore è saggio”*: *Studio exegetico-teologico del discorso paterno in Pro 23,15-28*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, (Analecta Gregoriana, 299)
- SCHÖKEL, Alonso Luís (2004), *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus.
- SCHÖKEL, Alonso Luís y VÍLCHEZ Líndez, José (2018), *Proverbios*. Madrid: Cristiandad.
- SILVA, Valmor da (2018), *O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios*. São Paulo: Paulus.
- TOY, Crawford H. (2020), *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Proverbs*. New York: Charles Scribner's Sons, 1908. Facsimile Alpha Editions.
- WALTKE, Bruce K. (2011), *Provérbios*: Vol. 2, Capítulos 15-31. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, (Comentários do Antigo Testamento).

Valmor da Silva